

# PENSAR O NASCIMENTO: DIFERENÇA, XENOGÊNESE E COSMOPOLÍTICA

Alice Gabriel<sup>1</sup>

## Resumo:

Filósofas da diferença sexual, como Adriana Cavarero, se dedicaram a pensar o que significa nascer de uma mulher. Nascer é ser introduzida a uma teia de relações que nos antecede, a experiência de gestar e ser gestada desafia a noção de subjetividade destacada da MATERia, dando abertura a uma ontologia do comum: no nascimento somos, no plural. Shulamith Firestone, entretanto, propõe uma experiência de pensamento: e se nascêssemos de máquinas, numa xenofamília (e não numa biofamília)? A presente fala pretende explicitar as noções de diferença sexual e ontologia que subjazem às duas propostas, compreendendo o nascimento em seu caráter cosmopolítico.

**Palavras-chave:** nascimento, ectogênese, diferença sexual, cosmopolítica.

## Resumen:

Filósofas de la diferencia sexual, como Adriana Cavarero, se dedicaron a pensar en lo que significa nacer de mujer. Nacer es ser introducida en una trama de relaciones que nos precede, la experiencia de gestarse y ser gestada desafia la noción de subjetividad separada de la MATERia, abriéndose a una ontología de lo común: al nacer somos, en plural. Shulamith Firestone, sin embargo, propone un experimento mental: ¿y si nacíamos de máquinas, en una xenofamilia (y no en una biofamilia)? Este discurso pretende explicar las nociones de diferencia sexual y ontología que subyacen a las dos propuestas, entendiendo el nacimiento en su carácter cosmopolítico.

**Palabras claves:** nacimiento, ectogenesis, diferencia sexual, cosmopolítica

Adriana Cavarero (1996) propõe uma leitura do conceito de natalidade de Hannah Arendt que alimenta sua perspectiva da diferença sexual. Nascer, para Arendt é a condição de possibilidade de qualquer outro início no campo da política: nascer é abertura para o novo que

---

<sup>1</sup>Doutoranda em filosofia pela Universidade de Brasília, professora EBTT do IFG, Câmpus Águas Lindas, alice.gabriel@ifg.edu.br Fala realizada em 18/11/2020 na mesa *Cosmopolítica de la Diferencia Sexual* no Colóquio Cosmopolítica II, que pode ser assistido aqui: <https://youtu.be/kIJLhthG3FA>

ainda não veio a ser<sup>2</sup>. Na insistência de Arendt em chamar atenção para o esquecimento do nascimento e em denunciar uma filosofia centrada na morte, Cavarero encontra algo a mais: o apagamento do corpo que gesta. Este, é mais um indício da (in)diferença sexual - da atopia, ou seja, da ausência de lugar para a diferença sexual num mundo marcado pela diferença como oposição. Considerar a mortalidade característica fundamental da experiência humana forja um entendimento sobre o nascer: se a morte é passagem da existência para o nada então o nascimento deve ser a passagem do nada para a existência. Mas que nada é esse? Viemos a ser de outra pessoa. Não há um *nada* no nascimento. Na origem de cada uma de nós estão outros corpos, que nos gestaram. Antes de sermos indivíduos, éramos uma relação com um corpo gestante. Porque somos natais, somos antes de tudo, relacionais.

A atenção à natalidade como aspecto básico da experiência humana (e que seguirá sendo universal, ao menos que as máquinas venham partilhar conosco a humanidade) permite uma afirmação ontológica: a relação antecede os indivíduos. Para feministas como Adriana Cavarero, a natalidade permitiria resistir a uma ontologia e a uma política que supõe a autonomia individual como o próprio do humano. Nascer é sempre *nascer com* ou *nascer de*, a cena do parto é sempre múltipla. E assim, somos no coletivo. Para filósofas como Luce Irigaray (1985), a atenção à natalidade também enseja a afirmação da primazia do tato: a gestação como encontro táctil com o outro. A visão, sentido privilegiado e que certa tradição filosófica estabelece como metáfora do destacamento do mental em relação ao mundo, seria posterior. A atenção à natalidade, para fabuladoras como Octavia Butler, permitiria pensar a abertura radical para o futuro. Aquela que nasce é a desconhecida, a convidada ou a invasora. A estrangeira, a alienígena. Em vez de reprodução, *xenogênese*<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup>Para uma apresentação mais cuidadosa da categoria de natalidade em Hannah Arendt ver: Wuensch, 2019 e, no mesmo colóquio, a fala de Ana Miriam Wuensch, *Haver nascido, ser natal* [disponível aqui <https://www.youtube.com/watch?v=kIJLhthG3FA> a partir de 00:17:30]

<sup>3</sup>Para outras possibilidades de pensar a xenogênese, especialmente como política de alienação no sentido de um abandono do mesmo e de um devir alien, ver CORREA, 2021. O texto de Bianca de Oliveira Correa *Xeno e a Mulher negra: pensando a partir de escrituras brasileiras* - presente nesse número e disponível na mesa sobre *Diferença Sexual e Cosmopolítica*, [ver: <https://youtu.be/kIJLhthG3FA> a partir de 00:59:00] - pensa os limites da proposta xenofeminista, questionando a geopolítica de saberes ativados por essa proposta. O que significa apostar na alienação como projeto de ruptura com a opressão - quando ela mesma tem sido motor de opressões? A quem é permitido alienar-se? Aqui proponho outra coisa, ainda incipiente: xenogênese como uma imagem para pensar além do imaginário da re-produção - no sentido de produção do mesmo. Xenogênese como reprodução do outro, do alien,

Alison Stone (2019) aponta outros elementos no nosso ser natal: a vulnerabilidade é uma dessas marcas. Nascer é ser introduzida num mundo compartilhado por outros seres humanos (e não humanos, acrescento). Mas o nascer humano, como o dos pássaros, marsupiais e morcegos tem uma peculiaridade: somos altriciais. Isso significa que precisamos de muitos cuidados ao nascer, até que possamos sobreviver de maneira autônoma. Somos fundamentalmente dependentes. Por causa de nossa dependência em relação àquelas pessoas que nos cuidam, em primeiro lugar, mas também aos demais seres que compõem a rede multi-espécies e pluri-objetos em que nos inserimos, somos vulneráveis. A vulnerabilidade, assim como o planeta como morada, partilhamos com os demais animais. Somos vulneráveis não apenas por nascermos, mas por estarmos sujeitos ao equilíbrio delicado que a vida no planeta necessita. Estamos expostas ao que nos podem fazer ou deixar de fazer os outros. Para além da vulnerabilidade a pessoas (um adulto que me deixa cair do colo), somos também vulneráveis a objetos (uma tomada que me dá choque), a estruturas de poder na sociedade (o racismo estrutural que me impede de acessar plenamente a educação formal), etc.

Essa dependência/vulnerabilidade, no caso de um animal altricial que somos, resulta num longo período de cuidados e de aprendizado, o que possui dois desdobramentos: i) é preciso que alguém desempenhe o trabalho necessário para transformar um recém-nascido em um sujeito auto-suficiente; ii) tal trabalho significa muitas vezes a transformação da estrangeira, em familiar, uma vez que existe uma grande receptividade no início da vida que torna possível nossa domesticação, a absorção de estruturas culturais antes que seja possível um distanciamento crítico.

Culturalmente, os cuidados com recém chegados têm sido imputados aos corpos que os gestaram, ou a corpos que a eles se assemelham. Não apenas gestar e parir, mas também matinar: o cuidado é feminizado. Com Silvia Federici (2017), podemos reconhecer como alguns corpos foram violentamente educados para a maternidade compulsória. E como tal imposição pela violência, pela supressão de direitos ou de alternativas de vida é uma das marcas do processo

---

do estranho. Como disse Helen Hester (2018): Xenofamília>Biofamília. Tal proposta pressupõe a centralidade da questão reprodutiva da trilogia de OctaviaButler, não apenas porque a escolha "reprodutiva" humana é apresentada como traição da espécie, mas porque metáforas de gestar, parir e matinar estruturam os livros.

de acumulação do capital. Aos corpos marcados socialmente como femininos recai o fardo reprodutivo de uma família, de um povo ou da espécie.

E se nascêssemos de máquinas? Shulamith Firestone colocou essa pergunta em *The Dialectic of Sex* (1972) e Marge Piercy ampliou o experimento de pensamento em *Woman on the edge of time*, um livro de ficção científica lançado em 1976. Cinquenta anos depois da publicação de *Dialética*, a ectogênese segue ainda distante de se tornar realidade, mas a *reprotecnologia* avança a passos largos. A ideia da mecanização da gestação pode colocar a questão do nascimento em outros termos.

Se o contínuo corporal do nascimento é elemento fundamental para nossa experiência, como sua interrupção afetaria a vida humana? Se nossa vulnerabilidade e dependência se originam no nascer de outro corpo, o que delas resta ao nascermos de máquinas? A máquina, material como nós, pode ser entendida como um tipo de corpo de maneira a manter essas relações intactas? Se a experiência de ser gestada e cuidada por corpos marcados pelo feminino informa nossa compreensão da (in)diferença sexual e da hierarquia entre homens e mulheres, a experiência de ser gestada por uma máquina modificaria essas estruturas?

Firestone não imagina apenas a ectogênese. Propõe também um novo arranjo humano para o cuidado (entendido como não mecanizável): as crias teriam seu cuidado coletivizado num parentesco estendido. É importante ressaltar, entretanto, que para ela a mecanização da gestação é a condição de possibilidade para a desvinculação entre o feminino e o cuidado. Máquina e coletivização tornam a figura da mãe individualizada obsoleta - porque sua função é pulverizada. Piercy também imagina um novo parentesco: três co-mães seriam responsáveis pela maternagem dos filhotes, as três poderiam amamentar as crias e criar com ela laços significativos - e caso alguma delas não tenha glândulas mamárias desenvolvidas (como as atuais mulheres têm), um estímulo artificial pode resolver o caso. Para ambas, esse é o fim da divisão sexual do trabalho, o fim da família biológica e, portanto, um caminho para uma sociedade sem hierarquias, uma vez que identificam na hierarquia sexual a origem de todas as demais formas de opressão. É também o fim da propriedade privada, uma vez que a própria reprodução está coletivizada e a família prefigura uma ordem social. É o fim da diferença sexual?

Me pergunto. Ou o caminho para que a pluralidade de sexos - que não são *um*, nas palavras de Irigaray - possam vicejar?

Ampliando a proposta de Firestone, poderíamos pensar em uma ectogênese estendida: 18 meses de gestação mecânica modificaria nosso caráter altricial - não mais existiria a necessidade de exterogestação - a cria já nasceria grande e forte o suficiente para ter uma independência maior. Como isso alteraria nossas formas de vida? Seria esse o delírio patriarcal do esquecimento materno encarnado? Ou tal proposta aponta para outro lado, para a explicitação de um parentesco com o inorgânico?

Com as pensadoras da diferença sexual aprendemos que a dependência é um elemento fundamental para a vida na terra. Dependemos da terra e essa relação é informada por uma economia erótica, por isso que a diferença sexual é uma *panpolítica* - a política sexual informa também a relação entre humanos e não-humanos. O patriarcado é um projeto de construção de uma individualidade misógina que se erige na recusa da mãe e na ignorância ativa do laço com toda a rede multi-espécie que nos mantém, que nos faz estar e permanecer vivas. Desse ponto de vista, seria possível pensar o Antropoceno nos termos de um *Androceno*: é o modelo de subjetividade patriarcal que, esquecendo nossa co-dependência natal, produz o presente cenário de catástrofe. Ecocídio = Matricídio.

Onde Firestone se coloca nessa disputa? Sua visão contribui para reforçar a noção patriarcal de independência - do humano como uma força matricida, que ameaça pôr um fim a toda a rede interespecie que o sustenta? Firestone propõe uma rearticulação da dependência, no parentesco com o não-humano e na família extensa. Assim, nossa co-dependência toma outros contornos: para que uma criança cresça é necessário a articulação do cuidado de uma vila inteira. Assim, a relacionalidade identificada por Cavarero como marca de nossa natalidade é ampliada nesse cenário - mesmo com a ausência de um nascer de uma mulher, ou de qualquer outro corpo reconhecido como humano - uma vez que o cuidado, tanto quanto o gestar e parir, é necessário para a individuação de cada uma de nós. O cuidado socializado retiraria a reprodução do âmbito privado e privativo e evidenciaria a relacionalidade e a dependência de uma coletividade. Não há comum sem comunidade.

A coletivização ou comunalização do cuidado implicaria ainda a possibilidade de uma xenogênese, em oposição à reprodução - no sentido de produzir novamente o mesmo. Se, como nos disse Alison Stone, o trabalho da maternagem significa muitas vezes a transformação da estrangeira, em familiar, a coletivização desse trabalho e a convivência intensa com diferentes cuidadoras/es e companheiras/es multiespécies na primeira infância poderia levar a outras formas de experimentar a vida e as relações entre humanos e entre humanos e não-humanos. Dessa forma, talvez, ser natal possa efetivamente apontar para o início, para novas formas de habitar o mundo - que reconheçam nossa vulnerabilidade partilhada e dependência fundamental, bem como nosso parentesco com o não-humano - recusando re-encenar o matricídio como ecocídio.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- BUTLER, Octavia. **Lilith's Brood**. New York: Aspect, 2000
- CAVARERO, Adriana. *Decir el Nacimiento*. In: **DIOTIMA**. *Trael al mundo el mundo: objeto y objetividad a la luz de la diferencia sexual*. Madrid: Icaria Editorial, 1996.
- CORREA, Bianca. *Xeno e a Mulher negra: pensando a partir de escrituras brasileiras*. **Coloquio Internacional Cosmopolítica II. Tiempos de cosmopolíticas, tiempos de necropolíticas. Primaveras cosmopolíticas**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kIJLhthG3FA>, acessado 10 de março de 2021.
- CORREA, Bianca. *Xeno e a Mulher negra: pensando a partir de escrituras brasileiras*. In. **DasQuestões**, Vol.8, n.2, abril de 2021. p. 172-179.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- FIRESTONE, Shulamith. **The Dialectic of Sex: The case for feminist revolution**. New York: Bantam Book, 1972.
- HESTER, Helen. **Xenofeminism**. Cambridge: Polity Press, 2018.
- IRIGARAY, Luce. **Speculum of the Other Woman**. Ithaca NY: Cornell University Press, 1985.
- PIERCY, Marge. **Woman on the Edge of Time**. London: The Women's Press, 1979.
- STONE, Alison. **Being Born: Birth and Philosophy**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

WUENSCH, Ana Miriam. *Ser natal: Arendt, natalidade e pluralidade*. IN: BENSUSAN, H. CABRERA, J. WUENSCH, A.M. **A moral do começo: sobre a ética do nascimento**. Porto Alegre, Editora Fi, 2019.

WUENSCH, Ana Miriam. *Haver nascido, ser natal*. **Coloquio Internacional Cosmopolítica II. Tiempos de cosmopolíticas, tiempos de necropolíticas. Primaveras cosmopolíticas**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kIJLhthG3FA>, acessado 10 de março de 2021.